

## Um “marco para o Brasil”: a cobertura do Hang Loose Pro Contest de 1986 no Diário Catarinense<sup>1</sup>

Jamile da SILVA<sup>2</sup>  
Rafael FORTES<sup>3</sup>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

O artigo analisa a cobertura realizada pelo jornal *Diário Catarinense* da etapa brasileira do Circuito Mundial de Surfe profissional realizada na praia da Joaquina, Florianópolis, em 1986. A partir de uma contextualização histórica, analisamos as visões do esporte contidas nas páginas do periódico. Além disso, discutimos o lugar ocupado por Santa Catarina nestas representações. E, no sentido inverso, as contribuições que, segundo o periódico, um esporte com as particularidades do surfe teria a dar para um estado como Santa Catarina.

**PALAVRAS-CHAVE:** surfe; jornalismo impresso; *Diário Catarinense*; esporte; anos 1980.

### INTRODUÇÃO

Em agosto de 1986, o jornal *Diário Catarinense* anunciava, com otimismo:

O Hang Loose Pro Contest, etapa brasileira do Circuito Mundial de Surf, que acontecerá na praia da Joaquina de 6 a 14 de setembro, será mais uma prova do empenho e trabalho dos dirigentes do surf catarinense. Em Santa Catarina este esporte atingiu um alto nível, a ponto de sensibilizar um dirigente internacional como Ian Cairns, dirigente da Association Professional Surfing (ASP), a aceitar a realização desta competição no Brasil. Florianópolis, que já era a capital brasileira, torna-se a partir do dia 6 a capital mundial deste esporte, que nos últimos tempos tem movimentado milhões de cruzados no País. [...] <sup>4</sup>

Segundo uma matéria, durante o evento,

[...] a organização foi perfeita e todos os estrangeiros ficaram fascinados com Florianópolis. As ondulações do mar, nos primeiros dias de competição, provaram que a Joaquina é um dos melhores locais do Brasil

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. O artigo se integra à pesquisa “Mídia do surfe nos anos 1980: um estudo comparativo entre Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis”, que contou com apoio do CNPq e da Unirio (bolsa de iniciação científica) e da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj (edital auxílio-instalação).

<sup>2</sup> Estudante de graduação do Curso de História da Unirio, email: [jhamile\\_sn@hotmail.com](mailto:jhamile_sn@hotmail.com).

<sup>3</sup> Professor da Unirio, email: [raffortes@hotmail.com](mailto:raffortes@hotmail.com).

<sup>4</sup> MORAES, Ivonir. Surf catarinense tem alto índice técnico. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 25 ago. 1986. Esportes, p. 36.

para a prática do surf. [...]”<sup>5</sup>

Além disso, “[...] muitas garotas desafiaram o forte vento nordeste e se deliciaram com o sol, esnobando a beleza da mulher brasileira, que impressionou bastante os surfistas estrangeiros. [...]”<sup>6</sup> Ou seja, à qualidade e ao trabalho sério dos catarinenses, somavam-se as belezas naturais e das mulheres da ilha.

Ao final, ainda segundo o *Diário Catarinense*, organizadores, surfistas e patrocinadores ficaram satisfeitos com o evento, o que sugeria a repetição da etapa do Circuito Mundial de Surfe no Brasil no ano seguinte.

Em que contexto tal campeonato se realizou? Que visões do esporte apareciam nas páginas do periódico? Que lugar ocupava Santa Catarina nas representações construídas sobre a modalidade? E, no sentido inverso, que contribuições um esporte com as particularidades do surfe teria a dar para um estado como Santa Catarina?

É sobre tais questões que se debruça este artigo. Para respondê-las, apresentamos e problematizamos algumas representações do surfe veiculadas no *Diário Catarinense* entre maio e dezembro de 1986.<sup>7</sup> Este título foi escolhido por ser um dos dois principais do estado (DIAS, R., 2009, p. 19) e por dedicar bastante espaço ao surfe. A primeira parte do artigo situa o espaço ocupado pelo surfe nesse título impresso. A segunda se volta para um primeiro evento que recebe destaque naquele ano – um intercâmbio de surfe amador entre brasileiros e norte-americanos –, sendo destacado pelo jornal como o passo decisivo que viabilizou a realização de uma etapa do Circuito Mundial de Surfe profissional no Brasil – e, tão ou mais importante, em Florianópolis. Por fim, a terceira parte analisa a cobertura deste campeonato.

## **O surfe no *Diário Catarinense***

Durante o ano analisado, as editorias do *Diário Catarinense* eram: *Visor, Geral, Rede Brasil Sul, Opinião, Ensino, Judiciário, Política, Economia, Esportes, Variedades*<sup>8</sup>. A

---

<sup>5</sup> MORAES, Ivonir. Dá-lhe, Fedelho!. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 set. 1986. Esportes, p. 36.

<sup>6</sup> MORAES, Ivonir. Ondas agradam na Joaquina. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 set. 1986. Esportes, p. 35.

<sup>7</sup> O jornal, que também circulara no início da década, foi pesquisado por nós a partir de seu relançamento, em maio (DIAS, R., 2009, p. 19). O recorte escolhido abrange praticamente todas as notícias referentes aos dois eventos analisados (Intercâmbio Brasil-Estados Unidos e etapa do Mundial).

<sup>8</sup> *Variedades* era um caderno com contagem de páginas própria. Aos domingos, era substituído pela Revista, que abordava basicamente os mesmos assuntos apresentados naquele durante a semana – programação da TV, literatura, dias e horários de shows, de peças de teatro, de sessões de cinema, além da coluna de Cacau Menezes, parte do jornal em que o surfe foi bastante abordado.

seção de esportes era extensa – tinha em média dez páginas<sup>9</sup> –, mais da metade delas sobre futebol nacional e internacional. O restante – duas, às vezes três páginas – se destinava a noticiar sobre automobilismo, tênis, ciclismo, xadrez, futebol de salão, kart, vôlei, surfe etc. Houve ainda colunas ou cadernos especiais sobre turismo, como o *Guia de Verão*, no qual havia referência às melhores praias para a prática do surfe no estado de Santa Catarina.

No *Diário Catarinense*, o surfe figurou sobretudo na seção de *Esportes*. As matérias sobre a modalidade não tiveram autoria fixa. Quando se indicava o nome do autor, a maioria foi assinada por Ivonir Moraes, que, além do surfe, escreveu sobre kart, automobilismo, vôlei, futebol de salão, entre outras modalidades. Esta polivalência era geral, visto que cada repórter escrevia sobre múltiplos esportes. Além da editoria de *Esportes*, o surfe também foi bastante abordado na coluna de Cacau Menezes, no caderno de *Variedades*. De acordo com Rafael Dias (2009, p. 75), esta coluna se constitui fonte relevante, uma vez que, com o tempo, Menezes se tornaria “o colunista social mais lido de Santa Catarina” (p. 94).<sup>10</sup>

O contato de Cacau Menezes com a juventude antecede a participação na seção *Onda Jovem*. Ele fora um dos editores, na década de 70, do jornal *Rock, Surf e Brotos*,<sup>11</sup>

<sup>9</sup> A seção de *Esportes* era a maior do jornal, superando as de *Economia*, de *Política* e a *Mundial*, que tinham, em média, 6, 5 e 2 páginas, respectivamente. Este fator chama a atenção, visto que houve de fato uma ampla abordagem, durante o ano pesquisado, do tema esporte; incluindo uma cobertura significativa de determinadas modalidades, como, por exemplo, o surfe. Este, possivelmente, foi o motivo pelo qual Estácio Ramos – diretor do grupo RBS Comunicações, ao qual o *Diário Catarinense* era associado – foi homenageado no lançamento da etapa do Campeonato Mundial de Surfe, o Hang Loose Pro Contest, junto com o governador Espiridião Amim, o prefeito Edison Andrino e o colunista Cacau Menezes; personalidades que contribuíram para o financiamento e a promoção do evento.

<sup>10</sup> Como complemento desta pesquisa, foram analisados exemplares do diário *Jornal de Santa Catarina* no início da década. Nas poucas vezes em que apareceu no período, o surfe foi retratado sobretudo na seção *Onda Jovem*, veiculada no *Jornal do Fim da Semana*. Com autoria do mesmo Cacau Menezes, o espaço abordava shows, cinema, televisão, teatro e surfe. Além deste espaço, houve referências à modalidade na coluna de Ibrahim Sued, principalmente no ano de 1981.

Pudemos perceber que na seção *Onda Jovem* e na coluna de Ibrahim Sued o surfe era tratado sobretudo como um estilo de vida: gírias, referências ao contato com a natureza, a alimentação saudável, ao rock (um dos gêneros musicais preferidos dos surfistas), menções ao Havaí (local muito conhecido pelos surfistas devido à qualidade das ondas) etc. O tratamento dado ao esporte nestas colunas condizia com as imagens consolidadas, e muitas vezes estigmatizadas, como, por exemplo, a alusão a uma festa de um campeonato de surfe em que as pessoas faziam *de tudo*, inclusive fumavam *baseado* (MENEZES, Cacau. Faltou onda no Waimea A onda foi o público. *Jornal de Santa Catarina*, Florianópolis, 24 e 25 ago. 1980. *Jornal do Fim da Semana*, p. 7.) Portanto, no início da década de 1980, as representações desta prática estavam relacionadas com uma série de valores característicos da subcultura em que se encontrava inserido. Sendo assim, o surfe nem sempre era focado como uma prática esportiva.

<sup>11</sup> Ricardo Machado também participou da edição do jornal. Para algumas representações da região nos anos 1970, ver o documentário *Ilha 70*. Há referências (orais e imagéticas) à contracultura em diversos trechos do filme. O surfe recebe destaque no episódio três. ILHA 70. Direção de Marco Martins e Loli Menezes. Produção de Renato Turnes. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. 3 episódios. Episódio 1, parte 1 disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=nrKEddbKUpE>>. Acesso em 18 jun. 2012. Episódio 1, parte 2. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?feature=iv&src\\_vid=nrKEddbKUpE&v=-2OqGLdzU8E&annotation\\_id=annotation\\_271522](http://www.youtube.com/watch?feature=iv&src_vid=nrKEddbKUpE&v=-2OqGLdzU8E&annotation_id=annotation_271522)>. Acesso em 18 jun. 2012. Episódio 2, parte 1. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=7NnMOViiWXM&list=UUIkZ0obD7GwpCB\\_XrUDiBQg&index=10&feature=plcp](http://www.youtube.com/watch?v=7NnMOViiWXM&list=UUIkZ0obD7GwpCB_XrUDiBQg&index=10&feature=plcp)>. Acesso em 18 jun. 2012. Episódio 2, parte 2. Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=NjaVCZcq4k0&feature=player\\_detailpage](http://www.youtube.com/watch?v=NjaVCZcq4k0&feature=player_detailpage)>. Acesso em 18 jun. 2012. Episódio 3, parte 1. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sATEz4vR2X0&feature=relmfu>>. Acesso em 18 jun. 2012.

Episódio	3,	parte	2.	Disponível	em:
----------	----	-------	----	------------	-----

destinado aos jovens (DIAS, R. 2009; ILHA 70, 2010). Essa relação do colunista com a juventude pode ser percebida também no seu envolvimento na organização de um campeonato de surfe com o mesmo nome do jornal: “Rock, Surf & Brotos”.<sup>12</sup> Essa trajetória foi reconhecida por meio de homenagens das associações e organizações de surfe, mencionadas na própria coluna de Menezes no *Diário Catarinense*: recebeu o troféu Intercâmbio Cultural Brasil-Estados Unidos de Surf<sup>13</sup> e foi homenageado pela Associação Catarinense de Surf (ACS) no lançamento da etapa do Circuito Mundial de Surfe.<sup>14</sup>

Na editoria de *Esportes*, o surfe foi retratado como um esporte e um estilo de vida. A evolução que a prática vinha ganhando no cenário nacional,<sup>15</sup> melhor desenvolvimento dos surfistas,<sup>16</sup> aumento dos patrocínios<sup>17</sup> e dos campeonatos,<sup>18</sup> importância das associações<sup>19</sup> foram alguns dos pontos abordados, sugerindo tratar-se de um esporte que se consolidava.

Em contrapartida, o surfe também foi abordado como uma arte;<sup>20</sup> houve menção ao contato com a natureza,<sup>21</sup> alimentação saudável,<sup>22</sup> misticismo dos praticantes,<sup>23</sup> entre outros. A presença destes aspectos num veículo de circulação ampla é relevante. Levando-se em consideração a variedade de autores das matérias sobre o esporte (e o não-enquadramento de nenhum deles em modalidades específicas), podemos pensar que a imagem de evolução do surfe na década de 80, e o projeto de torná-lo evoluído de fato, ia além dos meios de comunicação especializados<sup>24</sup> e alcançou também os meios de

---

<[http://www.youtube.com/watch?src\\_vid=sATEz4yR2X0&feature=iv&annotation\\_id=annotation\\_7717&v=0x13V9MgAFA](http://www.youtube.com/watch?src_vid=sATEz4yR2X0&feature=iv&annotation_id=annotation_7717&v=0x13V9MgAFA)>. Acesso em 18 jun. 2012.

<sup>12</sup> MORAES, Ivonir. Surf cresce e ganha espaço. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 29 jun. 1986. Esportes, p. 45. A matéria data o festival em 1978. Gutenberg (1989, p. 146), em 1977. Um site sobre a Praia da Joaquina, em 1976. Disponível em: <http://www.joaca.com.br/historia.html> Acesso em: 29/02/2012. As três fontes apontam o jornalista Cacau Menezes como organizador. Cunha (2011, p. 39-40) data o festival em 1976 e afirma ter sido organizado também por Ricardinho Machado, jornalista com quem Menezes também dividia a edição do jornal *Rock, Surf e Brotos*. O depoimento de Cacau Menezes em *Ilha 70* coloca Ricardo Machado como parceiro de elaboração do jornal e na elaboração do festival, mas não especifica o ano de realização. Em outras falas, a única referência à data de um festival, aparentemente anterior ao *Rock, Surf e Brotos*, é ao *Palhoçastock*, “feito um Woodstock” em 1974.

<sup>13</sup> MENEZES, Cacau. Sem título. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 07 set. 1986. Variedades, p. 3.

<sup>14</sup> MENEZES, Cacau. Homenagem. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 ago. 1986. Variedades, p. 3.

<sup>15</sup> MORAES, Ivonir. Boabaid garante: Estado sedia uma etapa do mundial de surf. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 18 maio 1986. Esportes, p. 44.] e internacional [Sem autor. A vez dos amadores. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 18 set. 1986. Esportes, p. 37.

<sup>16</sup> MORAES, Ivonir. Dá-lhe, Fedelho! *Diário Catarinense*, Florianópolis, 12 set. 1986. Esportes, p. 36.

<sup>17</sup> XAVIER, Mário. Surf: ondas de investimento. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 set. 1986. Economia, p. 2.

<sup>18</sup> MORAES, Ivonir. Surf catarinense tem alto índice técnico. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 25 ago. 1986. Esportes, p. 36.

<sup>19</sup> Sem autor. Barra Velha sediará etapa do Pró-Anocas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 20 maio 1986. Esportes, p. 36.

<sup>20</sup> MORAES, Ivonir. A força dos *gringos*. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 09 set. 1986. Esportes, p. 36. MORAES, Ivonir. Que beleza, Fedelho!. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 set. 1986. Esportes, p. 39.

<sup>21</sup> COPSTEIN, Liège. A Bíblia do surfista calhorda. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 nov. 1986. Revista, p. 4.

<sup>22</sup> Sem autor. Palhoça. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 10 dez. 1986. Guia de Verão, p. 22.

<sup>23</sup> MORAES, Ivonir. Dia para ver as feras. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 11 set. 1986. Esportes, p. 36

<sup>24</sup> Sobre este tema, ver Fortes (2011).

comunicação de massa.

Este fato se explica, em parte, pelas imagens acerca do esporte que estavam sendo difundidas, em diversos meios de comunicação, a partir do final da década de 70 (DIAS, C. 2008; FORTES, 2009; MELO e FORTES, 2009). Produções cinematográficas (*Menino do Rio, Nas Ondas do Surf, Garota Dourada*), novelas (*O Pulo do Gato, Partido Alto*), seriados (*Armação Ilimitada*), programas de TV (*Realce, Vibração*), entre outros, auxiliaram a difusão de múltiplas representações do surfe. Nestas produções audiovisuais, ele era tratado como esporte e, ao mesmo tempo, havia referência a aspectos subjetivos que o enquadravam não somente como uma prática desportiva, mas também um estilo de vida. Por exemplo, menção a valores que podemos relacionar à contracultura, como uso de drogas ilícitas, desapego a bens materiais, contato com a natureza, misticismo, transgressão de padrões sociais (DIAS, C. 2008; FORTES, 2009; ROSZAK, 1972). Outrossim, nestas mesmas produções, aludiu-se ao desenvolvimento do âmbito esportivo, ao caráter profissional que ele vinha assumindo, à seriedade dos envolvidos com a prática etc. Sendo assim, as imagens produzidas para e pelo esporte foram amplamente difundidas nestes meios, e ajudaram, sobremaneira, a propagar múltiplas representações sobre a prática do surfe no imaginário da população brasileira.

### **Um passo decisivo: o Intercâmbio Brasil-EUA**

Durante o período analisado, houve dois momentos privilegiados de construção das noções de evolução e profissionalização: o Intercâmbio Cultural Brasil-Estados Unidos de Surf e a etapa brasileira do Circuito Mundial de Surfe. O primeiro consistiu na vinda de surfistas amadores e de dirigentes dos EUA para realizar trocas de conhecimento, tanto prático (relativas ao desempenho no mar) quanto teórico (referentes às regras dos campeonatos e à organização do esporte naquele país), com os surfistas amadores e dirigentes brasileiros. Dividido em duas etapas – uma na capital catarinense e outra no Rio de Janeiro –, o evento foi bastante valorizado pelo jornal, pois além de o surfe estrangeiro ser considerado de qualidade superior ao nacional, o presidente da Associação de Surfistas Profissionais (ASP)<sup>25</sup>, Ian Cairns, estaria presente, bem como John Rothrock, técnico da National Scholastic Surfing Association (NSSA).<sup>26</sup> A vinda de Ian Cairns implicava na

<sup>25</sup> A ASP congrega os atletas profissionais e é a principal “liga” a reger o esporte no mundo.

<sup>26</sup> Principal entidade responsável pelo surfe amador nos EUA.

possibilidade de contato dos organizadores de campeonatos e dirigentes de associações brasileiros com um dos responsáveis pelo Circuito Mundial de Surfe. Com o decorrer do intercâmbio, o jornal noticiou a surpresa dos dirigentes e atletas estrangeiros quanto à evolução do esporte no Brasil e o encantamento dos americanos com as belezas naturais do estado. Além disso, foi ressaltado o potencial do esporte no país. Porém, houve menções à necessidade de se criar associações nacionais que pudessem representar o surfe brasileiro internacionalmente.

Os dois dirigentes que são responsáveis pela delegação norte americana – Ian Cairns e John Rothrock – que está participando do Intercâmbio Cultural Brasil-Estados Unidos de Surf, consideram o Brasil um país com grande potencial neste esporte. Apenas os surfistas brasileiros devem se organizar em entidades de porte nacional, que escolham as equipes que vão participar de Campeonatos Mundiais tanto amador como profissional. Isto porque a Association of Surfing Professionals (ASP) não aceita a participação de equipes isoladas de associações, por isso o Brasil tem sido barrado em diversas competições.<sup>27</sup>

De certa forma, esse discurso vem corroborar aquilo que já era defendido pelos surfistas daqui – ao menos aqueles que desejavam o avanço do aspecto competitivo e a comercialização do esporte.<sup>28</sup> Neste sentido, a fala de pessoas oriundas de um lugar que se considerava mais avançado (numa visão tipicamente linear de *desenvolvimento* ou *evolução*) é trazida como argumento de autoridade.

Chama a atenção este evento ter sido noticiado como crucial para a decisão do presidente da ASP de realizar uma etapa do Circuito Mundial de Surfe no Brasil, mais especificamente na cidade de Florianópolis: “Assim comprova-se a importância deste tipo de Intercâmbio, além é claro deste primeiro ter sido o ponto de partida para a realização do Circuito Mundial, como lembrou Roberto Lima, presidente da Associação Catarinense de Surf”.<sup>29</sup>

Além disso, a realização do Intercâmbio também foi considerada importante para a decisão de se criar uma federação nacional:

<sup>27</sup> MORAES, Ivonir. Americanos aconselham. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 jul. 1986. Esportes, p. 45.

<sup>28</sup> Para uma discussão sobre as diferentes posições face aos rumos do esporte, ver Dias, C. (2009).

<sup>29</sup> Sem autor. Efeito do intercâmbio. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 set. 1986. Esportes, p. 39. Na mesma linha, afirma outra matéria: “[...] A vinda de Ian Cairns, diretor da ASP, por ocasião do Intercâmbio Cultural Brasil-Estados Unidos de Surf, a Santa Catarina possibilitou as negociações para que uma etapa do Mundial fosse realizada em Santa Catarina. O trabalho da Associação Catarinense de Surf e da Master Promoções foi impecável durante o Intercâmbio, o que deu respaldo para que Cairns se interessasse em fazer aqui uma das etapas da competição.” MORAES, Ivonir. Um encontro de feras no mar da Joaquina. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 ago. 1986. Esportes, p. 43.

[...] Fazendo uma análise do encontro [Intercambio Cultural Brasil-Estados Unidos de Surf], o presidente da ACS – Associação Catarinense de Surf –, Roberto Lima, foi taxativo ao dizer que agora o mais importante a fazer é lutar pela criação de uma Federação Nacional de Surf. ‘A idéia já existia, mas ninguém dava muita ênfase para a importância da entidade. Depois das conversas com Ian e John ficou clara a necessidade da criação da Federação’, disse ele. [...]<sup>30</sup>

Ou seja, segundo o jornal, Santa Catarina – leia-se: o lugar, as autoridades políticas, os dirigentes e organizadores do surfe, os atletas – participou ativamente de decisões importantes para os rumos do esporte. De acordo com as matérias, o estado dava notoriedade ao surfe brasileiro, inserindo-o com uma imagem positiva no plano internacional, ao mesmo tempo em que esta mesma imagem contribuía para SC, que ganhava notoriedade como destino turístico.

### **Um “marco”: o Circuito Mundial volta ao Brasil**

Tal como na cobertura de muitas competições pelo jornalismo esportivo, a maior parte do espaço foi ocupada pela descrição do desempenho dos competidores, das etapas do campeonato e dos resultados. À parte disso, destacamos dois pontos relevantes: a evolução do esporte e as condições oferecidas pelo estado de Santa Catarina para eventos deste tipo.

O campeonato foi muito esperado e divulgado, visto que a última etapa brasileira do Circuito Mundial de Surfe no Brasil fora em 1982.<sup>31</sup> Ademais, a cobertura do evento pelos meios de comunicação de massa nacionais e internacionais, traria a oportunidade de os envolvidos com o esporte mostrarem ao Brasil e ao mundo a qualidade e o desenvolvimento do surfe brasileiro. Sendo assim, este foi abordado durante todo o campeonato como evoluído, com atletas com alta capacidade técnica, boas ondas e patrocinadores interessados em investir. Em linhas gerais, um esporte que alcançava a profissionalização. A citação a seguir sintetiza esse olhar:

Além da importância turística e financeira que o Hang Loose Pro Contest obteve, ele também foi um marco para o Brasil em três aspectos. Em primeiro lugar mostrou que os surfistas brasileiros estão num nível técnico bastante avançado e o que falta para os atletas brasileiros é uma maior experiência internacional, que não existe em função da pequena participação dos nossos surfistas em outras competições semelhantes no

---

<sup>30</sup> Sem autor. Agora, a meta é a Federação. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 jul. 1986. Esportes, p. 37.

<sup>31</sup> CABRAL, Gustavo Vaz. Todas as etapas do Mundial/WT no Brasil. Datasurfe, 5 mai. 2012. Disponível em <<http://www.datasurfe.com.br/2007/10/33-visita-do-tour-ao-brasil.html>>. Acesso em 28 mai. 2012.

exterior, pura e simplesmente por falta de patrocínio. Em segundo, mostrou para os estrangeiros que no Brasil também existem ondas propícias e em abundância para a prática deste esporte. E por último tornou visível a volta dos brasileiros ao ‘ranking’ da Association of Surfing Professional (ASP), o que possibilita que os nossos atletas sejam respeitados e mais bem tratados lá fora.<sup>32</sup>

Essa perspectiva evolutiva é muito semelhante à presente na cobertura do Intercâmbio Brasil-EUA, por isso não nos deteremos em sua análise. Outrossim, registramos um ponto. A afirmação de que a “pequena participação” de brasileiros em competições no exterior ocorre “pura e simplesmente por falta de patrocínio” contradiz a ideia já citada, de que o problema era a falta de entidades organizativas em escala nacional. Como se pode perceber, havia um *conjunto* de dificuldades a superar. A frase final, aliás, aponta outro: o tratamento pouco respeitoso e, às vezes, hostil recebido por surfistas brasileiros no exterior. A citação se inicia destacando aspectos econômicos e turísticos entre as contribuições do campeonato. Passemos, portanto, ao segundo aspecto.

Além da imagem que estava sendo construída para o surfe, havia a construção da representação do estado através do esporte, aspectos que mais chamou nossa atenção. Durante a cobertura, repetiu-se que Florianópolis tinha se tornado a capital internacional do surfe. Esta etapa brasileira não serviu apenas como uma forma de divulgação da modalidade, mas também do estado de Santa Catarina, buscando-se, através do esporte, intensificar o turismo. Esta ideia da cidade como um lugar propício à prática do esporte não era nova, uma vez que tanto no *Jornal de Santa Catarina* como no *Diário Catarinense*, nos guias turísticos, a Praia da Joaquina, local do campeonato, era identificada como o lugar onde havia as melhores ondas para a prática do surfe, e também como a preferida dos jovens.

A abordagem do turismo sugere que este era um dos motivos para que a modalidade recebesse investimentos públicos. O então governador do estado, Espiridião Amim, foi apresentado como importante figura no que tange os incentivos ao esporte. Pode-se citar medidas como a cessão à ACS de uma sala no prédio central da Companhia de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina (Citur);<sup>33</sup> a ida de Teco Padaratz – conhecido surfista amador – ao Campeonato Mundial de Surfe Amador, realizado na Inglaterra, tendo como

---

<sup>32</sup> MORAES, Ivonir. A grande final. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 set. 1986, p. 24.

<sup>33</sup> Sem autor. Surfistas agora têm sede para a Associação. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 06 ago. 1986. Esportes, p. 37.



um dos patrocinadores o Governo do Estado;<sup>34</sup> e os investimentos na organização da etapa brasileira do Circuito Mundial de Surfe.<sup>35</sup> Além do governador do estado, o prefeito, Edison Andrino, também foi considerado um incentivador do esporte, tendo sido homenageado na cerimônia de abertura do Hang Loose Pro Contest.<sup>36</sup> Ademais, a Citur aprovava e salientava a importância destes eventos de surfe para o turismo no estado.<sup>37</sup> O jornal reforçava tal posição do órgão:

Do ponto de vista do Governo do Estado, qual a razão e as vantagens de investir numa promoção desse tipo, patrocinando a etapa brasileira do Circuito Mundial da ASP 86/87, em Florianópolis? O presidente da Citur (Companhia de Turismo e Empreendimentos de Santa Catarina), Airton de Oliveira, enumera pelo menos duas: a grande geração de notícias positivas sobre a Ilha e o Estado, pelos meios de comunicação nacionais e estrangeiros; e a inserção de Santa Catarina nos mapas dos circuitos de surf internacional, através da imprensa especializada e dos próprios surfistas que vieram à Joaquina. Esses dois fatos, na sua opinião, são uma ‘propaganda’ para a região e estimulam o fluxo turístico, com seus naturais reflexos na economia local.<sup>38</sup>

Ou seja, percebe-se tanto a veiculação na mídia como o afluxo de público à ilha como aspectos positivos, tanto em termos de visibilidade (possibilitando dividendos imediatos de imagem, e futuros, por atrair turistas) como imediatos, dado o afluxo de visitantes. Isto foi particularmente válido no caso do Hang Loose Pro Contest, ao qual se refere à citação.

De acordo com o jornal, o nível de organização foi muito bom, deixando os surfistas e dirigentes estrangeiros altamente satisfeitos – incluindo certas *mordomias* oferecidas aos atletas<sup>39</sup>. A qualidade das ondas e o nível técnico dos surfistas nacionais também teriam impressionado os estrangeiros. O esforço dos envolvidos com o surfe para que esta etapa fosse um sucesso estava diretamente relacionado com pretensão de realizar novos campeonatos internacionais no Brasil. Além disso, desejava-se mostrar aos estrangeiros que o surfe nacional se organizava, tinha bons atletas e patrocinadores. E que, portanto, merecia maior atenção e respeito.

<sup>34</sup> MORAES, Ivonir. O novo mito das ondas. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 02 nov. 1986. Esportes, p. 41.

<sup>35</sup> MENEZES, Cacau. Sinal verde. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 maio 1986. Variedades, p. 3.

<sup>36</sup> MENEZES, Cacau. Homenagem. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 21 ago. 1986. Variedades, p. 3.

<sup>37</sup> Sem autor. Turismo já faturou US\$ 400 milhões em três anos, graças a um bom trabalho. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 ago. 1986. Informativo Especial, p. 10.

<sup>38</sup> XAVIER, Mário. Surf: ondas de investimento. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 14 set. 1986. Economia, p. 2.

<sup>39</sup> “Os participantes estrangeiros do Hang Loose Pro Contest têm elogiado bastante a organização deste evento. A infraestrutura montada para recebê-los envolve várias mordomias. Entre elas refeição gratuita, transporte para a praia, além de hospedagem no Hotel Diplomata. O tratamento que eles têm recebido do público brasileiro é exaltado a todo momento.” Sem autor. Estrangeiros falam bem da organização. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 08 set. 1986. Esportes, p. 35.

Obviamente, a cobertura do surfe na editoria de esporte não se resumiu aos dois eventos; muitos campeonatos menores foram divulgados. O amplo espaço destinado ao surfe compreendia divulgação de datas dos campeonatos, valores e locais de inscrições, condições do mar durante as competições, nível técnico dos participantes, pontuação dos surfistas por categoria, entre outros dados. Além disso, também assumiu uma função *pedagógica* de disseminação do esporte, uma vez que houve menção aos tipos de manobras,<sup>40</sup> aos atletas que recebiam/receberam maior destaque no cenário nacional<sup>41</sup> e internacional<sup>42</sup>, bem como apresentação das associações relacionadas à modalidade<sup>43</sup> e de dicionários<sup>44</sup> que informavam sobre manobras e posições dos atletas etc.

Um último assunto que merece registro foram os investimentos de empresas no surfe, sobretudo as surfshops. Este setor foi apresentado como crescente no estado de Santa Catarina e relevante devido à geração de lucros e empregos. A relação entre lucro e surfe envolvia vários ramos da economia, beneficiados pelos campeonatos de surfe e pelo afluxo de turistas: pousadas, hotéis, bares, restaurantes, empresas de aluguel de carros etc. O *Diário Catarinense* enfatizava os lucros que o surfe podia trazer através do turismo – um dos mais importantes setores da economia catarinense.<sup>45</sup>

## Conclusão

Muitos adeptos do surfe nos anos 1980 divergiam quanto à exploração do esporte com fins lucrativos (DIAS, C. 2008; FORTES, 2009). No *Diário Catarinense*, o surfe foi considerado como um esporte que se profissionalizava e, ao mesmo tempo, um estilo de vida. Isto sugere que os rumos e as imagens produzidas para este esporte já não pertenciam apenas aos envolvidos com ele. Incluíam a sociedade, sobretudo estratos da juventude, que captava, dialogava, *digeria*, reproduzia e/ou ressignificava o que via nos grandes meios de comunicação. Provavelmente, este foi um dos motivos pelos quais tanto jornalistas envolvidos diretamente com a modalidade quanto os não envolvidos produzissem, nas

<sup>40</sup> COPSTEIN, Liège. A Bíblia do falso surfista. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 nov. 1986. Revista, p. 4.

<sup>41</sup> MORAIS, Ivonir. Husadel: experiente. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 24 ago. 1986. Esportes, p. 43.

<sup>42</sup> MORAIS, Ivonir. Que beleza, Fedelho!. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 13 set. 1986. Esportes, p. 39.

<sup>43</sup> BAÇO, José. Anocas tem seu próprio ranking. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 29 jun, 1986. Esportes, p. 45.

<sup>44</sup> MORAES, Ivonir. Uma brincadeira na onda. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 23 nov. 1986. Esportes, p. 37.

<sup>45</sup> No entanto, o incentivo ao turismo através do surfe não tem só aspectos positivos. O turismo pode intensificar o localismo e acabar gerando conflitos entre os surfistas locais e aqueles que vêm de outros lugares (POIZAT-NEWCUMB, 1999). Os florianopolitanos já tinham seu espaço limitado por problemas internos; somados à vinda de turistas, a disputa pelas ondas provavelmente intensificou-se nos melhores *picos* da ilha. Há que se ter em conta que as praias surfáveis são limitadas, pois estão relacionadas a uma série de fatores naturais – ventos, condições climáticas, correntes – conhecidos pelos adeptos, e que influenciam diretamente a escolha do local para surfarem (PRESTON-WHITE, 2002).

páginas dos jornais, imagens muito parecidas acerca da prática.

O surfe ia se mercantilizando, ora enquadrado nos moldes da profissionalização, ora veiculado como um estilo de vida que transcendia significações objetivas. As imagens iam se mesclando e se alternando, visto que o público a quem se falava e se apresentava o esporte não era homogêneo: turistas, investidores no esporte, dirigentes e surfistas, leitores comuns, agentes públicos etc. Portanto, pensamos que analisar o surfe nos anos 1980 é tentar perceber como estas imagens divergentes coexistiam. Esta acomodação de representações aparentemente divergentes contribuiu para consolidar a imagem do surfe como uma prática que vai muito além de um esporte.

## Referências

CUNHA, Flávio Teixeira da. *A emergência da tradição do Yoga em Florianópolis na década de 1970*. 2011. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em < <http://tcc.bu.ufsc.br/Hist299654.pdf>>. Acesso em 27 maio 2012.

DIAS, Cleber Augusto. *Urbanidades da natureza: o motanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. O surfe e a moderna tradição brasileira. *Movimento*, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 257-286, out.-dez. 2009.

DIAS, Rafael. *Que invasão é essa? Leitura sobre conflitos socioculturais em Florianópolis (1970-2000)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Paraná, 2009.

FORTES, Rafael. Os anos 80, a juventude e os esportes radicais. In: MELO, Victor Andrade de; PRIORE, Mary Del. (Org.) *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 417-451.

\_\_\_\_\_. *O surfe nas ondas da mídia: esporte, juventude e cultura*. Rio de Janeiro: Apicuri/Faperj, 2011.

GUTENBERG, Alex. *A história do surf no Brasil: 50 anos de aventura*. São Paulo: Grupo Fluir / Ed. Azul, 1989.

ILHA 70. Direção de Marco Martins e Loli Menezes. Produção de Renato Turnes. Florianópolis: Vinil Filmes, 2010. 3 episódios. Episódio 1, parte 1 disponível em

<<http://www.youtube.com/watch?v=nrKEddbKUpE>>. Acesso em 18 jun. 2012.

MELO, Victor Andrade de; FORTES, Rafael. O surfe no cinema e a sociedade brasileira na transição dos anos 70/80. In: *Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte*. v. 23, n. 3, jul./set. 2009. p. 283-296.

POIZAT-NEWCOMB, Steve. The Genesis of a sports tourism activity-surfing (part I). In: *Journal of Sport & Tourism*. v. 4, n.5, 1999. p. 5-14.

\_\_\_\_\_. The Genesis of a sports tourism activity-surfing (part II). In: *Journal of Sport & Tourism*. v. 4, n.5, 1999. p. 14-24.

PRESTON-WHYTE, Robert. Constructions of surfing space at Durban, South Africa. In: *Tourism Geographies*. v. 3, n. 4, 2002. p. 307-328.

ROSZAK, Theodore. *A contracultura: reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil*. Petrópolis: Vozes, 1972.

SILVA, Fernando Alexandre Guimarães da. *Dicionário do surf*. Florianópolis: Cobra Coralina, 2004.